HERMES
JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR
CADERNO DE FÉRIAS - JULHO 2025

A Vida das Palavras

— Lino de Castro

Gostaríamos de iniciar hoje, aqui, uma coluna mensal que propusesse um conhecimento maior, mais escudado, no que à origem e ou significado primeiro tiveram alguns vocábulos ou expressões que com regularidade usamos, nós os falantes da nossa Língua - o Português, a nossa Pátria.

Comecemos, então, por dirigir a nossa atenção (ou o nosso interesse) para dois vocábulos, e também para duas expressões correntemente usadas.

BIQUÍNI. É o aportuguesamento da palavra inglesa Bikini, nome de uma das incontáveis ilhas do Pacífico. No arquipélago das Marshall, os Estados Unidos levaram a cabo explosões nucleares em 1946. No ano seguinte, em Paris, surgiu outra "bomba". Trazido da ilha de Bikini, ao que parece por um engenheiro que participara nas experiências explosivas, foi apresentado na cidade-luz um fato de banho feminino constituído por apenas duas peças independentes. O escândalo previsto foi tão grande que as top models da época se recusaram a vesti-lo.

O novo fato de banho inspirado nos trajes das nativas de Bikini, teve de ser exibido por uma bailarina do Casino de Paris que não se atemorizou. Não muito tempo depois tornou-se um êxito mundial.

No entanto, o Biquíni não trazia nada de novo. Numa vila romana do seculo IV já fora descoberto um mosaico onde uma jovem usava um igual modelo de fato de banho. Anteriormente, em pinturas minoicas de cerca de 1.600 a.C. a mesma peça de vestuário aparecia.

CARIOCA. Como se sabe, é o termo que mais correntemente se aplica aos naturais do Rio de Janeiro. Segundo algumas versões, a origem da palavra tem a ver com a língua dos índios tupis. Estes ficaram espantadíssimos com as casas de pedra e cal que os portugueses construíam na cidade, completamente diferentes das suas. Chamaram então à casa do homem branco Kary + Oca, sendo a primeira parte da palavra abreviatura do termo tupi Karioba como designativa de «homem branco», e Oka casa. O fenómeno linguístico é vulgar: da casa, o nome passou para o morador.

Carioca é, assim, pessoa oriunda do Rio de Janeiro, mas os habitantes do estado do Rio de Janeiro são chamados de «fluminenses», derivado de flumen, rio.

DOURAR A PÍLULA. Pequena bola, bolinha, este é o formato de um dos mais antigos medicamentos da história humana. Praticamente todas as substâncias com efeitos curativos se podiam reduzir a uma pasta, moldada, depois, na forma de uma bolinha, engolível ou mastigável. Mas, no início, a pílula era amargosa, desagradável de tomar (daí outra expressão, «engolir a pílula», ou seja, ser obrigado a suportar ou aceitar algo incómodo). Entre os Romanos tentou-se atenuar essa rudeza de gosto, misturando tais condimentos medicinais com matérias que lhes disfarçassem o mau paladar, especialmente o açúcar. Foi-se mesmo mais longe e houve a preocupação em modificar o seu aspeto exterior, cobrindo-o com uma finíssima película de ouro. Esta utilização do ouro sendo uma tradição antiga entre o Romanos, constituiu uma das bases da farmacopeia árabe. O aurum potabile, o ouro potável, foi, no período medieval, usado como

fortificante, o ouro líquido tratava a epilepsia, e o aquecido receitava-se para a icterícia. Uma fina folha de ouro era colocada no rosto dos que sofriam de varíola. Em certas circunstâncias servia também como laxativo dado através de clisteres. A terapia pelo ouro estendeu-se até ao sec. XVIII.

TER PARA OS SEUS ALFINETES. Em outros tempos, os alfinetes eram objeto de adorno das mulheres e daí que, então, a frase significasse o dinheiro poupado para a sua compra. Porque os alfinetes eram produto caro. Os anos passaram e eles tornaram-se utensílios, já não apenas de enfeite, mas utilitários e acessíveis. Todavia, a expressão chegou a ser acolhida em textos de Lei. Como, por exemplo, o Código Civil Português, de 1867, do Visconde de Seabra (vigente em grande parte até ao Código Civil atual), incluía um artigo (o 1104) segundo o qual «a mulher não pode privar o seu marido, por convenção antenupcial, da administração dos bens do casal; mas pode reservar para si o direito de receber, a título de alfinetes, uma parte do rendimento dos seus bens, e dispor dela livremente, contanto que não exceda a terça dos ditos rendimentos líquidos»

Hoje, como todos sabemos, a expressão equivale a dizer “ter (ou não) dinheiro para viver”.

Relógio de Gelo

— João Paulo Pinto

Sempre fui apaixonado pela arte. Adoro ler a respeito dos artistas e apreciar os seus trabalhos. Leonardo da Vinci, Michelangelo, Van Gogh, Matisse, Picasso são alguns exemplos de clássicos que me fascinam. Contudo, a arte contemporânea vai para além das telas e ganha as ruas, os espaços urbanos, os prédios, as calçadas, as pontes, a natureza — o mundo torna-se o seu palco — e é essa arte pulsante e viva, por refletir diretamente o nosso tempo, que tem captado a minha atenção.

Uma dessas manifestações artísticas ocorreu entre o período de 30 de novembro até 11 de dezembro de 2015, e realizou-se na Conferência do Clima de Paris (COP21), evento que reuniu 195 países com o objetivo de reduzir a emissão de gases para conter o efeito de estufa no nosso planeta.

Na época, a temperatura da terra estava a aumentar e o derretimento das calotas polares nos extremos do planeta já eram visíveis. Inclusive, já se podiam ver vários icebergs a formar-se a partir do desprendimento desse gelo.

O artista plástico islando-dinamarquês, Olafur Eliasson, grande defensor dos assuntos ambientais, encontrou uma forma muito especial para denunciar a urgência de se lutar contra o aquecimento global.

Trouxe doze cubos de gelo monumentais, cada um pesando cem toneladas, vindos de icebergs da Gronelândia, que foram dispostos em forma de relógio na frente do Panthéon, em Paris, durante a semana em que aconteceu o evento.

O peso desses blocos não foi escolhido aleatoriamente: cem toneladas é o volume de gelo que derrete a cada centésimo de segundo no mundo por causa das mudanças climáticas. Os enormes blocos de gelo dispostos em forma de relógio estariam a derreter durante todo o período da conferência. Assim sendo, no final do evento, na sexta-feira, só restou a água derretida.

Essa obra em frente à COP21 foi altamente impactante e significativa. A simbologia de um relógio de gelo a derreter-se mostra-nos o que o aquecimento global pode fazer não só com as calotas polares, mas também com todas as espécies e nos seus habitats. Os blocos de gelo dispostos junto ao Panthéon, sede da conferência, conectam-nos e aproximam-nos do que está acontecendo a milhares de quilómetros.

De facto, a ideia do artista era que as pessoas tocassem essas imensas pedras de gelo, as admirassem, sentissem a sua energia, compreendessem o processo de derretimento que está a acontecer ao nosso redor.

Realmente foi isso que aconteceu naquela ocasião. Relatos contam que as pessoas que passaram pelo local e viram todo aquele gelo, derretendo rapidamente, sensibilizaram-se e sentiram a necessidade de fazer algo para evitar o desastre iminente.

Quando chegou o final da conferência, no dia 11 de dezembro de 2015, sexta-feira, todo o gelo havia derretido. A água que escorria pelo Panthéon, em Paris, era a prova de que devemos agir, e rápido, se quisermos salvar o nosso planeta. O artista plástico, Olafur Eliasson, antecipou-nos, através do seu relógio de gelo, o que nos aguarda num futuro próximo se não fizermos nada de concreto a esse pedido de socorro.

Apesar do impacto que a obra causou nas pessoas que passaram pelo local, na época, e da urgência de atitudes concretas necessárias para evitar o aquecimento no nosso mundo, pouco ou nada se tem feito para evitar uma catástrofe global.

Infelizmente a pauta económica tem se sobreposto à pauta ambiental. Quantos relógios de gelo serão necessários para consciencializar os líderes mundiais e as pessoas de que o nosso planeta está pedindo socorro? É uma pergunta para a qual não tenho resposta. Apenas espero que, quando acordarmos para a realidade, não seja tarde demais.

.Beleza - ontem e hoje

— Artur Sousa

"É sábado, fim de tarde, um enorme calor a invadir os corpos que se atrevem a desafiar o imponente sol.

Eis-me a deambular pela margem deste majestoso rio com nome de metal precioso. Contemplo o belo edifício do Palácio do Freixo, penso como teriam vivido a beleza daquele espaço os homens e mulheres que por lá terão marcado a sua existência.

Quantas vezes, talvez, os burgueses da invicta cidade, nos domingos tórridos de verão, terão tomado a fresca e presenciado por ali toda a beleza da obra dos homens das mulheres e da natureza?

Esses habitantes dos barcos rabelos e valboeiros, nesse deambular pelas águas do imponente rio, que sensação teriam em cada viagem ao serem acompanhados pela opulência de tamanha obra? Isto é, se no cansaço dos labores, ainda restassem forças para contemplar tamanha beleza.

Já o Palácio do Freixo se impunha há mais de um século, quando ao seu lado se erguia um belo exemplar da arquitetura industrial.

O mesmo, era a materialização da primeira revolução industrial. O poder calorífico do carvão a ser transformado em energia térmica, que, por sua vez, acionava todos os maquinismos da moderna fábrica. Os moleiros ao saberem desta notícia, provavelmente a cada metro que a mesma se impunha, antecipavam já o fim da sua existência milenar.

Nos dias de hoje, ambos os edifícios foram reutilizados e adaptados à sua nova função: receber e hospedar o viajante do século XXI.

Os homens e as mulheres desde sempre viajaram.

No século XVII e XVIII a elite inglesa educava-se nesse "Grand Tour" pela Itália, Grécia, para descobrir, apreender e sentir a obra da Bela Antiguidade. No século XIX, com o comboio, cada vez mais pessoas se lançam à descoberta de novos lugares.

O século XX é a afirmação do turismo como indústria de massas. O Palácio do Freixo e a antiga moagem, nos dias de hoje elevados ao estatuto de património, são de per si, elementos que nos revelam a história ao longo dos três séculos da sua existência.

Adaptados agora a unidade hoteleira (Pestana Palácio do Freixo) não deixam de cumprir a sua função primordial de memória, identidade, de luta contra a efemeridade da vida sendo a sua matriz e constância.

Quanta beleza os nossos olhos podem, no tempo presente, sentir naquela imponente e perfeita proeza técnica das chaminés do mestre Lino Soares com a sua pose ereta em direção ao azul do infinito céu.

À chaminé da antiga moagem Harmonia sucedeu-se, quase ao mesmo tempo e apenas a algumas centenas de metros, igual exemplar também fruto da técnica do mestre Lino Soares, sendo esta chaminé, pertença da antiga Fábrica da Cuf, nos dias de hoje o hotel Pestana Douro, já em território de Valbom, Gondomar.

As duas parecem um par de namorados evidenciando toda a sua harmonia e beleza emanada em cada um dos milhões de pedaços de barro que compõem a sua perfeita estrutura cónica.

"... Ao prazer suscitado pela beleza dos edifícios, sucedeu-se o encantamento ou o espanto provocado pela proeza técnica e por uma versão moderna do colossal..." Françoise Choay

Um bom exemplo de um legado patrimonial a irradiar beleza e ao mesmo tempo um espaço gerador de riqueza.

O Rapaz da Bicicleta

— Diamantino Torres

Se não fosse a bicicleta o rapaz estava confinado à sua aldeia perdida nos confins do Portugal Serrano. Ele e seus pais, ainda jovens, eram uns obstinados resistentes. Na pequena aldeia ainda se encontravam alguns, poucos, idosos. A maioria da população estava emigrada na Suíça, Luxemburgo e França onde as condições de vida materiais eram mais atrativas. Mas, os pais do rapaz da bicicleta nunca quiseram trocar as pobres e modestas serranias portuguesas pelos Alpes suíços.

O pai do jovem ciclista trabalha longe da aldeia, na construção civil, e a mãe, doméstica e pequena agricultora, ajuda, e de que maneira, na gestão do lar e na produção de produtos hortícolas para consumo próprio. Parte da produção, que não é afetada ao consumo da família, é vendida na vila na pequena feira semanal. Todos trabalham na terra. O pai aos fins de semana e quando tem tempo disponível também nos dias úteis. A mãe enquanto trata dos filhos e da casa também vai tratando da criação. Têm um rebanho constituído por vinte ovelhas, uma capoeira bem recheada de galinhas e coelhos e duas vacas que, durante o dia, pastam em liberdade. Terras e pastos não faltam, pois estão quase todos ao abandono e os proprietários não se importam de os ceder graciosamente. Não são necessários contratos de comodato ou de arrendamento. Basta a palavra. O dono, se pretender que o " arrendatário " cesse a atividade só tem que o avisar, tendo em atenção dar-lhe o tempo necessário para este colher a produção agrícola. Os benefícios são mútuos. Os animais, ovelhas e vacas, vão limpando os terrenos das ervas secas ajudando a prevenir o flagelo dos incêndios.

Os filhos, além do rapaz da bicicleta, são mais três. Durante o período escolar um autocarro do município, faz, pelas diversas aldeias, a recolha dos jovens estudantes, transportando-os para o novo centro educativo. A escola concentra, agora, todos os alunos do concelho, pois as diversas escolas primárias que existiram eram enormes, apesar de pequenas, para a crescente exiguidade de estudantes. Então, foi decidido, por várias razões (gestão de recursos, socialização dos estudantes, maior eficiência, melhores instalações) concentrar todo o universo escolar num só ponto.

Provavelmente, o percurso percorrido no transporte escolar, quando ia para o centro da vila, despertou-lhe a curiosidade e motivou-o a deslocar-se com a ajuda desse engenho (bicicleta) que transforma a força humana em movimento. A tentação pela aventura de pedalar para lá das serras era muita. Mas as barreiras geográficas, longas subidas com inclinações acentuadas, cerceavam-lhe o ânimo. Os pais, como todos os pais, temendo acidentes, estavam constantemente a preveni-lo: - tem cuidado com os carros! - tem cuidado com as quedas! - cuidado com as velocidades e com as curvas! - põe sempre o capacete!

No entanto o rapaz sabia que para lá da alta montanha ficava a cidade que queria muito conhecer. E já tinha entendido que após o cansaço da longa subida havia o descanso e a euforia da descida. Esta ideia de ser um ciclo turista ia, cada vez mais, fermentando na sua cabeça e o medo ia-se transformando numa vontade indómita de partir.

E assim foi! Certo dia, muito cedo, juntou na sua mochila água, fruta e umas sandes. Equipou-se e num frémito e pôs-se em marcha. O sol estava a nascer e a frescura da manhã avivou-lhe os sentidos. Pedalava vigorosamente ultrapassando as dificuldades do relevo com pedalada firme e cadenciada. Ao fim de uma hora de movimento já mais de vinte quilómetros tinham ficado para trás. O rapaz não tinha GPS, não tinha mapas, nem experiência. Não estava prevenido.

A primeira subida, a sério, fez mossa. Nunca mais acabava e nem um "plano zinho" para recuperar o fôlego. Já não podia mais. Quando viu uma sombra, ainda em plena subida, decidiu parar para beber e descansar. Descansou e arrancou. Para chegar ao destino ainda faltavam alguns quilómetros. A subida tinha sido vencida a muito custo. Mas, após a subida, gozou da brisa que a descida lhe proporcionou. Viu montes, vales encaixados entre as montanhas, aldeias espalhadas pelas serras, cavalos selvagens pastando, águias rodopiando nas alturas.

Estava na cidade! Viu edifícios enormes, carros circulando cheios de pressa, estátuas e monumentos. Homens e mulheres ociosamente bebendo e convivendo em esplanadas. E pensou: aqui não se trabalha! Os meus pais nunca param, é sempre a trabalhar ou no emprego, ou em casa, ou nas terras. Tudo isto provocou-lhe um enorme cansaço. Sentou-se num banco de jardim para acabar com o farnel...

Viu-se no tour de France. Era ele, impondo o ritmo subindo os Alpes franceses. Eram milhares na berma da estrada ovacionando "les portugais". Ninguém aguentou o seu ritmo e o pelotão foi ficando para trás. Os portugueses emigrantes saltavam e exultavam de alegria. Um português no topo da Europa!

Sentiu uma mão a apertar-lhe o ombro. Despertou do sono e viu um homem fardado, um polícia, que lhe perguntou se estava bem, porque anoitecia e tinha reparado que ele adormecera há algumas horas.

Foi decidido avisar os pais para o virem buscar. Passado algum tempo chegou o pai do rapaz da bicicleta um pouco aborrecido. Contou-lhe que tinha sonhado ser o Joaquim Agostinho, tendo-lhe o pai respondido: Vamos colocar a bicicleta na carrinha e vamos embora porque um campeão tem que descansar e amanhã temos um campo de batatas para colher.

Dito isto abraçou-o e acariciou-lhe os cabelos.

O último suspiro do sol em Francelos

— Manuel Araújo da Cunha

O sol agoniza sobre Francelos, não desce, entrega-se, derrama-se nas águas como um mártir dourado, sangrando âmbar, púrpura e mel sobre as ondas. O oceano, cúmplice e carrasco, abre os seus braços escuros para receber o sublime corpo luminoso.

Tudo cheira a sal, a iodo que se agarra às rochas estendidas como ossos da terra, negras, lustrosas pela lâmina afiada das marés.

As rochas são testemunhas antigas, vêem o sol, dia após dia, travar a mesma batalha silenciosa. Hoje, porém, há um esplendor trágico na sua rendição; o céu incendeia-se em tons de uma ferida aberta, laranjas ardentes, violetas profundas, como se fosse uma lesão celeste.

A luz, desesperada, cravada nas cristas das ondas, tenta escalar o horizonte, mas em vão.

Fascinado, eu grito; olha como ele luta, ó mar de Francelos!

Cada reflexo é um clamor.

Cada lampejo nas águas, um derradeiro suspiro.

O sol sabe que a noite o persegue como uma sombra voraz. Ele, que banhou as velas dos barcos, dourou as redes dos pescadores e pintou as fachadas das casas brancas, agora desfalece, desmancha-se em fogo líquido, enquanto o oceano o bebe devagar, sorve a sua essência e traga a sua cor.

E as rochas?

Elas guardam o segredo.

sabem que este fim não é eterno, que amanhã o sol rasgará de novo o véu da madrugada, renascido do ventre das trevas, mas agora, neste preciso instante sagrado, ele morre. Morre com uma beleza que corta a minha alma, morre para que as estrelas ousem cintilar, morre para que os pescadores da arte xávega recolham as redes, cruzando-se com as sombras alongadas na areia molhada, morre para que o mundo se lembre que toda luz é um empréstimo, que toda a grandeza é passageira.

A última faísca desaparece.

O mar, agora é frio e infinito, cobre o cadáver do dia, nas rochas, o iodo persiste; amargo, vital, como lágrimas da terra.

Francelos suspira, e eu pequenino diante do colosso, fico de pé na praia vazia, a sofrer a perda com o sal nos lábios e o crepúsculo entranhado na pele, à espera do milagre de um novo amanhã.

Leonor vai à fonte

— Sérgio Torres

É a pergunta que atormenta muitos estudantes de Língua Portuguesa: Porque é que "Descalça para a fonte, Lianor vai na verdura, vai fermosa e não segura"?

Estes e outros versos de Camões são problemáticos para os alunos do Ensino Secundário, encarregados de interpretar o poema.

Mas a Camões juntaram-se Francisco Lobo Rodrigues e António Gedeão, entre outros, na exaltação da formusura e insegurança de Leonor a ir à fonte. D. Francisco de Portugal chega a dizer que Leonor já não vai à fonte, tantas vezes ela surge como dama formosa e insegura na poesia nacional. Mas quem seria esta musa, esta Leonor?

Pode ser uma das coincidências da História, mas, da Chancelaria de D. Manuel I, chega-nos um caso muito interessante de justiça real.

Na Véspera do Natal de 1501, tendo recebido 900 reais para despesas de sua Relação, Sua Majestade perdoou uma tal Lyannor Eannes.

Qual foi o caso? Pois, esta Lyannor, mulher da Castanheira, cumpria uma sentença de um ano de desterro desde 13 de Agosto, dia em que ela encontrou o alcaide escoltando preso o seu marido, Vasquo Fernandez.

Lyannor, "quamdo o asy vira com toruaçam Se lamcara a elle e asy aos que com elle vynham e que em esto o dicto vasquo fernandez trabalhara por fugijr de maneira que escapulyra...".

Indo à fonte, esta Leonor atirou-se contra o alcaide a defender o marido.

Sabemos o desfecho para ela: El-Rei perdoou os meses que ainda tinha de cumprir de desterro por ter embaraçado o alcaide da Castanheira. Agora, podemos saber se foi ela quem inspirou Camões e Francisco Lobo Rodrigues?

Como escreveu Fernão Lopes, "em tanta antiguidade, certidão haver não pode".

Porém, gosto de imaginar o alarido na Corte que a ousadia de Lyannor na fonte da Castanheira possa ter causado; gosto de imaginá-la como o arquétipo de uma mulher bravia e apaixonada nos círculos cultos e na imaginação popular de 1501 e por décadas seguintes; imaginar que, mais que dar "graça à fermosura", mais que "mais branca que a neve pura", Leonor foi recordada pela sua audácia, insegura pela ânsia de salvar o marido. Talvez seja uma história que a História esqueceu.

Conchas que contam histórias de outros verões

— Etelvina Ferreira

Há um murmúrio que habita certas manhãs junto ao mar. Não é o vento, não é um navio a passar na linha do horizonte, nem sequer o restolhar tímido das gaivotas na maré baixa. É um sussurro que vem das conchas espalhadas na areia daquela praia a perder de vista – pequenas catedrais de cal e memória, onde o tempo se enrola como as ondas da maré alta que as trouxeram até aqui.

A cada verão, em manhãs de sol ou neblina, volto àquela praia, onde Portugal acaba e o mar começa. Levo um saco de pano, leve, e o coração aberto, como quem espera que alguma coisa, mesmo que breve, a surpreenda. Caminho devagar, olhando para o chão, como que a procurar respostas entre os grãos daquela areia fina. E encontro-as na linha que o mar desenhou: uma imensidão de conchas - quebradas, inteiras, todas com desenhos únicos – espirais, veios, pequenos buracos com olhos que viram para além do previsível.

Vou recolhendo as mais belas, as que me cativam ao primeiro olhar – difícil a escolha, pela abundância de cores e formatos. Ali à frente, baixo-me para apanhar um búzio ligeiramente rosado e levo-o ao ouvido. E então o murmúrio ganha nitidez e ouço o riso de uma rapariga que saltitava no rebentar das ondas, há tantos verões já gastos. Ouço o "fica", sussurrado na hora do adeus, a pele ainda salgada, o corpo ainda quente do último sol. Ouço também o silêncio – aquele que veio depois de um beijo que não se repetiu, de um nome que o tempo levou, mas deixou gravado dentro de mim.

As conchas contam histórias que não cabem dentro das fotografias. Contam o que foi sentido e não dito, o que brilhou, por instantes e deixou uma cicatriz luminosa. Há nelas a textura das saudades boas, daquelas que não doem, mas apertam - como o sol de fim de tarde nos ombros nus.

Este último verão, encontrei uma concha diferente. Pequena, em tons de azul esbatido – talvez um pedaço de céu na terra. Não precisava de escutar o seu rumor, porque eu sabia: aquela era uma promessa de que haverá outros verões, outros passos a meu lado, caminhando juntos na areia - uns grandes, outros pequenos - outros amores ou os mesmos, renascidos.

Tenho por hábito dar uso às conchas que apanho na praia, para que outros encontrem histórias que deixaram para trás. Não as deixo esquecidas num saco. Espalho-as pela casa como quem semeia memórias - pequenos altares ao tempo que passa, mas que não se perde.

Há dias em que a brisa entra pela casa adentro e parece arrastar o cheiro da maresia. Não é só sal e vento - é qualquer coisa mais profunda, como se o mar respirasse entre as cortinas, como se os corredores fossem dunas onde ainda ecoassem passos descalços. Nesses dias, ouço as conchas a acordar e sinto os seus murmúrios partilhando fragmentos de riso, promessas feitas ao crepúsculo, beijos dados no segredo das marés.

E eu escuto.

No quarto, uma concha de madrepérola cheia de "beijinhos", escurecidos pelo tempo, sopra-me uma canção que alguém cantou, ao entardecer, enquanto o mundo parecia caber inteiro num olhar.

A casa cheira a eternidade.

As minhas conchas - bússolas poéticas - guiam-me pelas memórias que não são só minhas, mas de todos os que amaram o mar. São conchas de amor transformado em som, em cheiro, à espera de que alguém, um dia, o ouça de novo.